



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**As Ondas**

**Virginia Woolf**

O Sol ainda não nascera. Era quase impossível distinguir o céu do mar, mas este apresentava algumas rugas, como se de um pedaço de tecido se tratasse. Aos poucos, à medida que o céu clareava, uma linha escura estendeu-se no horizonte, dividindo o céu e o mar. Então, o tecido cinzento coloriu-se de manchas em movimento, umas sucedendo-se às outras, junto à superfície, perseguindo-se mutuamente, sem parar.

Quando se aproximavam da praia, as barras erguiam-se, empilhavam-se e quebravam-se, espalhando na areia um fino véu de água esbranquiçada. As ondas paravam e depois voltavam a erguer-se, suspirando como uma criatura adormecida, cuja respiração vai e vem sem que disso se aperceba. Gradualmente, a barra escura do horizonte acabou por clarear, tal como acontece com os sedimentos de uma velha garrafa de vinho que acabam por afundar e restituir à garrafa a sua cor verde. Atrás dela, o céu clareou também, como se os sedimentos brancos que ali se encontravam tivessem afundado, ou se um braço de mulher oculto por detrás da linha do horizonte tivesse erguido um lampião e este espalhasse raios de várias cores, branco, verde e amarelo (mais ou menos como as lâminas de um leque), por todo o céu. Então, ela levantou ainda mais o lampião, e o ar pareceu tornar-se fibroso e arrancar, daquela superfície verde, chispas vermelhas e amarelas, idênticas às que se elevam de uma fogueira. Aos poucos, as fibras da fogueira foram-se fundindo numa bruma, uma incandescência que levantou o peso do céu cor de chumbo que se encontrava por cima, transformando-o num milhão de átomos de um azul suave. O mar foi, aos poucos, tornando-se transparente, e as ondas ali se deixavam ficar, murmurando e brilhando, até as faixas escuras quase desaparecerem. Devagar, o braço que segurava a lanterna elevou-se ainda mais, até uma chama brilhante se tornar visível; um arco de fogo ardendo na margem do horizonte, cobrindo o mar com um brilho dourado.

A luz atingiu as árvores do jardim, tornando, primeiro, esta folha transparente, e só depois aquela. Lá no alto, uma ave chilreou; seguiu-se uma pausa; mais abaixo, escutou-se outro chilreio. O sol definiu os contornos das paredes da casa, e, semelhante à ponta de um leque, um raio de luz incidiu numa persiana branca, colocando uma impressão digital azulada por baixo da folha da janela do quarto. A persiana estremeceu ligeiramente, mas lá dentro tudo se mostrava fosco e inconsistente. Cá fora, os pássaros cantavam uma melodia sem sentido.

– Vejo um anel – disse Bernard – suspenso por sobre mim. – Está suspenso num laço de luz e estremece.

– Vejo uma lâmina de um amarelo pálido – disse Susan –, espalhando-se até encontrar uma risca púrpura.

– Ouço um som – disse Rhoda –, piu, piu, piu, piu, a subir e a descer.

– Vejo um globo – disse Neville – suspenso numa gota que cai de encontro à encosta de uma enorme montanha.

– Vejo uma borboleta escarlata – disse Jinny –, tecida com fios de ouro.

– Ouço cascos a bater – disse Louis. – Está preso um animal bastante grande. Bate os cascos, bate e bate.

– Reparem na teia de aranha ao canto da varanda – disse Bernard. – Está cheia de contas de água, de gotas de luz.

– As folhas juntaram-se em torno da janela como se fossem orelhas pontiagudas – disse Susan.

– Há uma sombra no caminho — disse Louis. – Parece um cotovelo dobrado.

– A erva está cheia de linhas luminosas – disse Rhoda. – De certeza que caíram das árvores.

– Nos túneis existentes entre as folhas, podem ver-se olhos brilhantes. São de pássaros – disse Neville.

– As hastes estão cobertas de pêlos curtos e duros – disse Jinny – e as gotas de água ficam presas neles.

– Uma lagarta enroscou-se e parece um anel de onde saem muitos pés verdes – disse Susan.

– Um caracol cinzento vem a descer o caminho, alisando as ervas atrás dele – disse Rhoda.

– E as luzes das janelas reflectem-se aqui e ali na relva – disse Louis.

– As pedras fazem-me ficar com os pés frios – disse Neville. – Sinto-as a todas, uma a uma, redondas e pontiagudas.

– Tenho as costas das mãos quentes – disse Jinny –, mas as palmas estão pegajosas e úmidas por causa do orvalho.

– Agora, o galo está a cantar e lembra um esguicho de água avermelhada numa corrente branca – disse Bernard.

– Os pássaros não param de cantar à nossa volta e por todo o lado – disse Susan.

– O animal bate as patas; o elefante com a perna presa; o enorme animal que está na praia bate os cascos – disse Louis.

– Reparem na casa – disse Jinny –, com todas as janelas e persianas brancas.

– A água fria começa a correr na torneira da cozinha – disse Rhoda –, caindo no peixe que está na bacia.

– As paredes estão cheias de rachas douradas – disse Bernard –, e por baixo das janelas há muitas sombras azuis em forma de dedos.

– Agora, Mrs. Constable está a colocar as suas meias escuras e grossas – disse Susan.

– Quando o fumo se elevar na chaminé, o sono escapar-se-á pelo telhado como uma névoa muito fina – disse Louis.

– Os pássaros começaram por cantar em coro – disse Rhoda. – Agora, a porta da cozinha já não está trancada. E lá vão eles a voar. E lá vão eles pelos ares como uma mão-cheia de sementes. Mesmo assim, há um que continua a cantar junto à janela do quarto.

– Formam-se bolhas no fundo da frigideira – disse Jinny – Depois, elevam-se, cada vez mais rápidas, até formarem uma cadeia prateada que chega ao topo.

– Agora, o Billy está a escamar o peixe com uma faca – disse Neville.

– A janela da casa de jantar é agora azul-escura – disse Bernard –, e o ar ondula por cima das chaminés.

– Uma andorinha está empoleirada no fio eléctrico – disse Susan. – E a Biddy poisou o balde com força nas lajes da cozinha.

– Aquilo era a primeira badalada do relógio da igreja – disse Louis. – A seguir vêm as outras; uma, duas; uma, duas.

– Olhem para a toalha, muito branca, a voar para cima da mesa – disse Rhoda. – Vêem-se, agora, os círculos de porcelana branca e faixas prateadas ao lado dos pratos.

– De repente, uma abelha zumbe ao meu ouvido – disse Neville. – Está aqui; já se foi embora.

– Estou a ferver. Tenho frio – disse Jinny. – Ou estou ao sol ou à sombra.

– Já se foram todos embora – disse Louis. – Estou só. Foram para casa tomar o pequeno-almoço, e eu fiquei ao pé do muro, entre as flores. Ainda é cedo, falta muito tempo para ir para as aulas. As flores são como manchas incrustadas nas profundezas verdes. As pétalas são arlequins. As hastes erguem-se a partir de buracos negros. As flores, semelhantes a peixes luminosos, recortando-se contra um fundo escuro, nadam nas águas verdes. As minhas raízes chegam às profundezas do mundo; passam por terrenos secos e alagados; passam por veios de chumbo e prata. Nada mais sou que fibra. Tudo me faz estremecer, e a terra comprime-se contra os meus veios. Cá em cima, os meus olhos são como folhas verdes e não vêem. Cá em cima, sou um rapaz vestido de flanela cinzenta, com as calças apertadas por um cinto, com uma serpente de bronze. Lá em baixo, os meus olhos são como os das figuras de pedra existentes nos desertos junto ao Nilo: desprovidos de pestanas. A caminho do rio, vejo passar mulheres com as suas ânforas vermelhas; vejo camelos baloiçando-se e homens com turbantes. Ouço tropéis e tremores em meu redor.

Cá em cima, o Bernard, o Neville, a Jinny e a Susan (mas não a Rhoda) passeiam pelos

canteiros com as suas redes. Andam a caçar as borboletas que poisam nas flores. Estão a varrer a superfície do mundo. As redes estão cheias de asas esvoaçantes. “Louis! Louis! Louis!”, gritam. No entanto, não me podem ver. Estou do outro lado da sebe. Existem apenas alguns buraquinhos entre as folhas. Oh, meu Deus, eles que passem! Eles que estendam um lenço no cascalho e nele coloquem as borboletas. Eles que contem as suas borboletas com manchas pretas e amarelas, as suas vanessas e borboletas-da-couve, mas que não me vejam. Sou tão verde como um teixo à sombra da vedação. Criei raízes no meio da terra. O meu corpo é um caule. Carrego no caule. Uma gota corre por ele lentamente, e, aos poucos, vai-se tornando maior, cada vez maior. Agora, qualquer coisa cor-de-rosa passa pelo buraquinho. Agora, um olhar passa pela fenda. A luz que dele emana atinge-me. Sou um rapaz com um fato de flanela cinzenta. Ela encontrou-me. Toca-me na nuca. Beija-me. Tudo se desmorona.

– Logo a seguir ao pequeno-almoço – disse Jinny –, eu andava a correr. Vi as folhas mexerem-se através de uma abertura na sebe. Pensei: É um pássaro no ninho. Afastei os ramos e olhei, mas não vi pássaro nem ninho. As folhas continuaram a mover-se. Estava assustada. Passei a correr pela Susan, pela Rhoda, pelo Neville e pelo Bernard. Estavam todos a falar na arrecadação. Gritei enquanto corria, depressa, cada vez mais depressa. Que faria mexer as folhas? Qual a coisa que faz mexer o meu coração, as minhas pernas? Foi então que aqui cheguei e te vi, verde como um arbusto, como um ramo, muito quieto, Louis, com os olhos vítreos. Estará morto?, pensei, e beijei-te. Por baixo do vestido cor-de-rosa, o meu coração saltava, semelhante às folhas, que, e muito embora nada exista que as faça mexer, não param de oscilar. Agora, chega-me ao nariz o odor a gerânios; chega-me ao nariz o odor a terra vegetal. Danço. Ondulo. Deixo-me cair sobre ti como uma rede de luz. Deixo-me ficar deitada em cima de ti, a tremer.

– Vi-a beijá-lo através da fenda na sebe – disse Susan. – Levantei a cabeça do vaso das flores e espreeitei por uma fenda da sebe. Vi-a beijá-lo. Vi-os, à Jinny e ao Louis, a beijarem-se. Agora, só me resta embrulhar a minha dor neste lenço. Vou amachucá-lo com força até ficar igual a uma bola. Antes das aulas, irei sozinha para o bosque das faias. Não me irei sentar à mesa, a fazer contas. Não me irei sentar ao lado da Jinny e do Louis. Vou levar a minha angústia e poisá-la nas raízes, por baixo das faias. Examiná-la-ei e passá-la-ei por entre os dedos. Eles não me irão encontrar. Comerei nozes e tentarei encontrar ovos por entre os espinheiros, o meu cabelo vai ficar emaranhado, e acabarei por ter de dormir debaixo das sebes e de beber água das poças, acabando por morrer.

– A Susan passou por nós – disse Bernard. – Passou pela arrecadação com o lenço todo amachucado. Parecia uma bolsa. Não estava a chorar, mas os olhos, que são tão bonitos, pareciam fendas. Lembravam os dos gatos quando eles se preparam para saltar. Vou atrás dela, Neville. Vou atrás dela com todo o cuidado para, com a minha curiosidade, a poder confortar quando toda aquela fúria explodir e ela pensar: “Estou sozinha”. Ela agora vai atravessar o campo com toda a calma, para nos enganar. Já chegou ao declive: pensa que ninguém a vê; começa a correr com os punhos cerrados. As unhas cravam-se na bola em que o lenço se transformou. Vai na direcção do bosque das faias, para longe da luz. Estende os braços quando se aproxima, e parte para a sombra como se nadasse. Porém, a luz deixa-a cega e acaba por tropeçar e cair junto às raízes das árvores, onde a luz aparece e desaparece, inspira e expira. Os ramos movem-se para cima e para baixo. Aqui, a agitação é muita. As trevas movem-se para cima e para baixo. Aqui, a agitação é muita. As trevas abundam. A luz é caprichosa. A angústia é omnipresente. As raízes formam como que um esqueleto no solo, e as folhas mortas amontoam-se nos seus ângulos. A Susan espalhou toda a angústia que sentia. Poisou o lenço nas raízes das faias e soluça, dobrada sobre si mesma no ponto onde caiu.

– Eu vi-a beijá-lo – disse Susan. – Espreeitei por entre as folhas e vi-a. Estava a dançar, coberta de diamantes, leve como um grão de poeira. E eu sou gorda, Bernard, e baixa. Os meus olhos nunca se levantam do chão e vejo insectos na erva. O tom quente e amarelo que estava junto a mim transformou-se em pedra quando viu a Jinny beijar o Louis. De hoje em diante, vou passar a comer erva e acabarei por morrer junto a uma poça de água castanha, cheia de folhas

podres.

– Vi-te fugir – disse Bernard. – Quando passaste pela arrecadação, ouvi-te gritar: “Sou tão infeliz!”. Poisei a faca. Estava a fazer barcos de madeira com o Neville. Para mais, tenho o cabelo despenteado porque, quando a Mrs. Constable me disse para o pentear, havia uma mosca numa teia de aranha, e dei comigo a perguntar: “Deverei soltar a mosca? Deverei deixá-la ser comida?”. É por isso que ando sempre atrasado. Tenho o cabelo despenteado e estes pauzinhos prenderam-se nele. Quando te ouvi gritar, segui-te e vi-te poisar o lenço amarrotado, contendo toda a raiva e todo o ódio. No entanto, isso vai passar depressa. Os nossos corpos estão agora juntos. Podes ouvir-me respirar. Podes também ver aquele escaravelho com uma folha às costas. Primeiro, vem neste sentido, depois, passa para aquele, e isso faz com que o teu desejo de possuir uma coisa apenas (agora é o Louis) se veja obrigado a estremecer como a luz que se move por entre as folhas das faias; e por fim as palavras, que agora se movem sombrias nas profundezas da tua mente, acabarão por quebrar este nó de dor enrolado no teu lenço.

– Amo – disse Susan –, amo e odeio. Desejo apenas uma coisa. O meu olhar é rígido. Dos olhos da Jinny desprendem-se milhares de luzes. Os da Rhoda assemelham-se àquelas flores pálidas, onde as borboletas nocturnas vêm poisar. Os teus são grandes e redondos, e nunca se quebram. Mas eu já tenho um objectivo. Vejo insectos na erva. Muito embora a minha mãe ainda me tricote meias brancas e me costure bibes, e eu não passe de uma criança, o certo é que amo e odeio.

– Mas, quando nos sentamos juntos – disse Bernard –, fundimo-nos um no outro com frases. Ficamos unidos por uma espécie de nevoeiro. Transformamo-nos num território imaterial.

– Estou a ver o escaravelho – disse Susan. – É preto; estou a ver; é verde, estou a ver; as palavras amarram-me ao solo. Mas tu divagas, tu escapas-te; as palavras e as frases por elas compostas elevam-se mais e mais.

– Bom – disse Bernard –, vamos partir à aventura. Há uma casa branca entre as árvores. Está mesmo lá no fundo. Vamo-nos afundar como dois nadadores, tocando o solo com as pontas dos pés. Vamo-nos afundar através do ar esverdeado das folhas, Susan. Vamo-nos afundar enquanto corremos. As ondas fecham-se sobre nós, as folhas das faias tocam-se por cima das nossas cabeças. Lá está o relógio do estábulo com os seus ponteiros dourados a brilhar. Aqueles ali são os altos e baixos dos telhados da casa grande. O empregado da cavaliça, calçando umas botas de borracha, não pára de gritar no pátio. Estamos em Elvedon. Agora, caímos através das folhas das árvores e chegamos ao chão. O ar já não faz rolar por cima de nós as suas vagas enormes, tristes e avermelhadas. Os nossos pés tocam o solo; pisamos terra firme. Ali, está a sebe bem aparada do jardim das senhoras. É por ali que elas andam, ao meio-dia, munidas de tesouras, a cortar rosas. Agora, estamos no bosque em forma de anel, rodeado por um muro. Estamos em Elvedon. Já tenho visto marcos nos cruzamentos a indicar o caminho para aqui, se bem que nunca ninguém cá tenha estado. Os fetos têm um cheiro muito forte, e por baixo deles crescem fungos vermelhos. Acordamos as gralhas adormecidas que nunca antes viram uma forma humana; pisamos bolotas apodrecidas, escorregadias e avermelhadas devido ao tempo. Há um círculo de pedra em redor deste bosque; nunca cá vem ninguém. Escuta! É o ruído provocado por um sapo gigante a saltar; são as pinhas a cair por entre os fetos.

Põe o pé neste tijolo. Espreita por cima do muro. Aquilo ali é Elvedon. Há uma senhora sentada entre duas grandes vidraças, a escrever. Os jardineiros varrem o jardim com duas grandes vassouras. Somos os primeiros a chegar aqui. Somos os descobridores de um território desconhecido. Não te mexas; os jardineiros disparam se nos virem. Depois, pregam-nos na porta do estábulo como se fôssemos doninhas. Cuidado! Não te mexas. Agarra-te com força aos fetos que crescem em cima do muro.

– Vejo a senhora a escrever. Vejo os jardineiros a varrer – disse Susan. – Se morrermos aqui, não há ninguém para nos enterrar.

– Corre! – disse Bernard. – Corre! O jardineiro da barba preta já nos viu! Vamos morrer! Vão-nos matar como se fôssemos gaios e pregar-nos à parede! Estamos em território hostil.

Temos de fugir para o bosque das faias. Temos de nos esconder debaixo das árvores. Existe um caminho secreto. Dobra-te o mais que puderes. Avança sem olhar para trás. Vão pensar que somos raposas. Corre!

Agora, estamos a salvo. Já nos podemos voltar a endireitar. Já podemos estender os braços no meio desta vegetação tão alta, no meio deste bosque tão grande. Não ouça nada. Aquilo é o murmúrio das ondas do ar. Isto é o pombo-bravo que se escondeu no cimo das faias. O pombo agita o ar; o pombo agita o ar com as suas asas de madeira.

– Estás-te a afastar – disse Susan –, tu e as tuas frases. Elevas-te nos ares como bolas de sabão, cada vez mais alto, por entre as camadas de folhas, até acabares por desaparecer. Agora, demoras-te um pouco. Agora, puxas-me a saia, olhas para trás e constróis muitas frases. Acabaste por me escapar. Aqui, é o jardim. Aqui, fica a sebe. Aqui, está a Rhoda no meio do carreiro, a embalar uma bacia castanha cheia de pétalas.

– Todos os meus navios são brancos – disse Rhoda. – Não quero nem as pétalas vermelhas das malvas nem sequer as dos gerânios. Quero apenas pétalas brancas que flutuem quando inclino a taça. Tenho uma frota a vogar de margem a margem. Deixarei cair um ramo lá dentro, tal como se fosse uma jangada destinada a um naufrago. Deixarei cair uma pedra lá dentro e ficarei a ver as bolhas erguerem-se das profundezas do mar. O Neville desapareceu e a Susan também; a Jinny está no jardim em frente à cozinha a apanhar borboletas, e o mais provável é o Louis estar com ela. Tenho pouco tempo para estar só. A esta hora, a Miss Hudson está a espalhar os livros pelas carteiras. Tenho pouco tempo para ser livre. Apanhei todas as pétalas caídas e pu-las a nadar. Pus gotas de chuva em algumas. Vou colocar um farol aqui. Agora, vou embalar a minha taça castanha de um lado para o outro para que os meus navios possam cavalgar as ondas. Alguns afundar-se-ão. Outros despedaçar-se-ão contra os rochedos. Mas há um que navega sozinho. É o que é verdadeiramente meu. Navega por cavernas geladas onde os ursos polares rosnam, e das estalactites pendem correntes negras. As ondas elevam-se; as suas cristas enrolam-se; reparem nas luzes dos mastros principais. A frota separou-se e todos os navios naufragaram à excepção do meu, que sobe as ondas e se antecipa à tempestade, alcançando as ilhas onde os papagaios tagarelam e as trepadeiras...

– Onde é que está o Bernard? – disse Neville. – É ele quem tem a minha faca. Estávamos na arrecadação a fazer barcos, e foi então que a Susan passou. O Bernard deixou cair o barco e foi atrás dela com a minha faca, aquela que é muito afiada e serve para talhar as quilhas. Ele é como um fio muito esticado, sempre a estremecer. É como as algas que estão penduradas do lado de fora da janela, ora úmidas ora secas. Deixa-me sozinho, vai atrás da Susan; e, se ela gritar, ele pega na minha faca e conta-lhe histórias. A lâmina grande é um imperador; a lâmina quebrada um negro. Odeio coisas que estremecem; odeio coisas escorregadias. Odeio delírios e misturas. A campainha está a tocar e vamos chegar atrasados. Temos de poisar os brinquedos. Temos de entrar ao mesmo tempo. Os livros estão arrumados lado a lado, em cima da mesa forrada a baeta verde.

– Só conjugarei o verbo depois de o Bernard o ter dito – disse Louis. – O meu pai é banqueiro em Brisbane e eu falo com sotaque australiano. Vou esperar e imitar o Bernard. Ele é inglês. Eles são todos ingleses. O pai da Susan é vigário. A Rhoda não tem pai. O Bernard e o Neville são filhos de cavalheiros. A Jinny vive em Londres com a avó. Estão todos a morder as canetas. Agora, estão a virar os livros, e, olhando de esguelha para Miss Hudson, contam-lhe os botões vermelhos do corpete. O Bernard tem um raminho no cabelo. Os olhos da Susan estão vermelhos. Ambos estão corados. Mas eu estou pálido; estou limpo; e as minhas calças de golfe estão bem apertadas com um cinto com uma cobra de bronze. Sei a lição de cor. Sei mais do que aquilo que eles alguma vez saberão. Sei os casos e os gêneros; podia aprender tudo e mais alguma coisa se quisesse. Mas eu não quero emergir e dizer a lição. Tal como fibras num vaso de flores, as minhas raízes enrolam-se em torno do mundo. Não quero emergir e viver à luz deste enorme relógio amarelo que não pára de fazer tiquetaque-tiquetaque. A Jinny e a Susan, o Bernard e o Neville, juntam-se e transformam-se numa correia pronta para me chicotear. Riem-se por eu ser

tão arrumado, por falar com sotaque australiano. Vou tentar imitar o Bernard com os seus ceceios em latim.

– Tratam-se de palavras brancas – disse Susan –, iguais às pedras que apanhamos à beira-mar.

– À medida que as pronuncio, batem como caudas, ora à esquerda ora à direita – disse Bernard. – Abanam as caudas; fazem-nas estalar; movem-se em bandos pelo ar, agora nesta direcção, agora naquela, agora em conjunto, agora separando-se, agora voltando a juntar-se.

– São palavras que queimam, são palavras amarelas – disse Jinny. – Gostava de ter um vestido quente, um vestido amarelo, para usar à noite.

– Cada forma verbal – disse Neville –, tem um significado diferente. O mundo tem uma ordem; existem distinções; existem diferenças neste mundo em cuja margem tropeço. Trata-se apenas do começo.

– A Miss Hudson acabou de fechar o livro – disse Rhoda. – Está a começar o terror. Agora, pega no giz e começa a desenhar números, seis, sete, oito, e depois uma cruz e só então uma linha. Está tudo no quadro. Qual é a resposta? Os outros olham, olham com ar de quem compreende. O Louis escreve; a Susan escreve; o Neville escreve; a Jinny escreve; até mesmo o Bernard começou agora a escrever. Todavia, eu não consigo. Apenas vejo números. Um a um, os outros vão entregando as respostas. Chegou a minha vez. Só que não tenho respostas. Os outros tiveram autorização para sair. Deixaram-me sozinha para que encontrasse resposta. Os números não têm qualquer sentido. O sentido desapareceu. O relógio faz tiquetaque. Os dois ponteiros são como caravanas a atravessar o deserto. As barras negras no mostrador são como oásis verdes. O ponteiro maior antecipou-se para ir buscar água. O outro, dolorosamente, vai tropeçando por entre as pedras quentes. Acabará por morrer no deserto. A porta da cozinha bate. Os cães vadios ladram lá longe. Reparem, a forma redonda do número começa a encher-se com o tempo; o mundo está todo lá contido. Comecei a traçar um número, o mundo está lá dentro e eu estou fora do laço. Acabo por o fechar – assim – selando-o, tornando-o inteiro. O mundo está completo e eu estou de fora, a gritar: “Oh, salvem-me, salvem-me de ser afastada para sempre do laço do tempo!”

– Lá está a Rhoda a olhar para o quadro – disse Louis –, na sala. Enquanto isso, eu estou cá fora, a apanhar pedacinhos de tomilho e a apertar folhas de abrotano. E o Bernard vai contando uma história. Tem as omoplatas unidas, e estas lembram as asas de uma pequena borboleta. À medida que olha para aqueles números feitos a giz, a sua mente fica presa por entre os círculos brancos, até que acaba por se soltar dos laços e cair no vazio. Nada daquilo tem sentido para ela. Nada daquilo tem sentido para ela. Nada tem para lhe responder. Ao contrário dos outros, ela não tem corpo. E eu, que falo com sotaque australiano e cujo pai é banqueiro em Brisbane, não a receio como receio os outros.

– Vamos agora rastejar – disse Bernard – por baixo de toda esta vastidão de folhas de groselheira, e contar histórias. Vamos para o mundo subterrâneo. Vamos tomar posse do território que nos pertence, o qual se encontra iluminado por cachos de groselhas semelhantes a candelabros, ora vermelhos ora negros. Aqui, Jinny, se nos baixarmos bastante, podemos ficar sentados por baixo das folhas a ver baloiçar os turíbulos. Este é o nosso universo. Os outros passam lá ao longe, no caminho das carruagens. As saias da Miss Hudson e da Miss Curry revoltam-se como se fossem apagar a luz das velas. Aquelas são as meias brancas da Susan. Aquelas são os lindos sapatos do Louis, pisando o cascalho. O cheiro quente das folhas em decomposição, da vegetação que apodrece, espalha-se pelos ares. Estamos agora num pântano, numa floresta tropical. Está ali um elefante coberto de larvas brancas, morto por uma seta que o atingiu no olho. Vêem-se, claramente, os olhos brilhantes de algumas aves – águias e abutres. Tomam-nos por árvores caídas. Precipitam-se por sobre um réptil – é uma cobra de capelo – e deixam-no com uma grande cicatriz, pronto para ser maltratado pelos leões. Este é o nosso mundo, iluminado por crescentes e estrelas; e grandes pétalas semitransparentes que bloqueiam o caminho como se fossem janelas avermelhadas. É tudo muito estranho. As coisas ou são



enormes ou muito pequenas. Os caules das flores são tão grossos como carvalhos. As folhas são tão altas como cúpulas de enormes catedrais. Aqui, somos como gigantes, capazes de fazer estremecer as florestas.

– Isso é aqui e agora – disse Jinny – Contudo, em breve teremos de partir. Já falta pouco para que Miss Curry faça soar o apito. Caminharemos. Ficaremos separados. Tu irás para a escola. Terás mestres que usarão cruzeiros e colarinhos brancos. Eu irei para uma escola na costa oriental, e terei uma professora que se sentará por baixo de um quadro da rainha Alexandra. É para lá que irei, junto com a Susan e a Rhoda. Isto é apenas aqui e agora. Agora, estamos deitados por baixo das groselheiras e, sempre que a brisa sopra, as folhas cobrem-se de manchas. A minha mão lembra a pele de uma cobra. Os meus joelhos são como ilhas cor-de-rosa. A tua cara é como uma macieira.

– É da Selva que vem todo o calor – disse Bernard. – As folhas são asas negras fluando sobre as nossas cabeças. Lá no terraço, a Miss Curry já soprou o apito. Somos obrigados a sair debaixo das folhas das groselheiras e a pormo-nos em sentido. Tens um raminho no cabelo, Jinny. Tens uma lagarta no pescoço. Temos de nos formar filas de dois. A Miss Curry vai levar-nos para uma marcha, ao passo que a Miss Hudson vai ficar sentada à secretária, às voltas com as contas.

– É aborrecido – disse Jinny –, andar pela estrada sem ter janelas para espreitar, sem olhos de vidro azul para olhar para o caminho.

– Temos de formar pares – disse Susan –, e caminhar de forma ordeira, sem arrastar os pés, com o Louis à frente a conduzir-nos, pois ele está sempre atento e não se desvia para apanhar raminhos.

– Dado que é suposto eu ser demasiado delicado para os acompanhar – disse Neville –, dado cansar-me e adoecer com facilidade, servir-me-ei desta hora de solidão, desta fuga às conversas, para vaguear pelas matas junto à casa e recuperar, se conseguir (indo para isso colocar-me no mesmo ponto), aquilo que senti ontem à noite, quando a cozinheira andava atarefada em volta dos fogões, e, através da porta entreaberta, ouvi a história do homem morto. Encontraram-no com a garganta cortada. As folhas da macieira colaram-se ao céu; a lua brilhou; fui incapaz de levantar os pés e subir os degraus. Encontraram-no na valeta. O sangue gorgolejou pela valeta. O rosto era tão branco como um bacalhau morto. Chamarei para sempre a esta rigidez, a esta fixidez, a morte entre as macieiras. Viam-se nuvens de um cinzento-pálido a flutuar; e aquela árvore inexorável; aquela árvore implacável com a sua casca prateada. O ondular da minha vida não tinha qualquer validade. Fui incapaz de passar. Havia um obstáculo. Não sou capaz de ultrapassar este obstáculo impiedoso, disse. E os outros passaram. Porém, todos estamos condenados pelas macieiras, por aquela árvore impiedosa que não conseguimos passar.

Agora, já não há imobilidade ou rigidez; e eu vou continuar o meu passeio pelas matas em torno da casa, ao entardecer, ao pôr do Sol, quando este faz aparecer alguns pontos oleaginosos no linóleo, e os raios de luz se reflectem na parede, fazendo com que as pernas das cadeiras pareçam estar partidas.

– Quando chegamos do passeio – disse Susan –, vi a Florrie no jardim em frente à cozinha. Estivera a lavar, e apertava a roupa contra ela: os pijamas, as camisas de dormir, as ceroulas. E o Ernest beijou-a. Ele tinha vestido o avental de baeta verde, estava a limpar as pratas; a boca parecia uma bolsa amachucada, e ele puxou-a, ficando os pijamas comprimidos contra os corpos de ambos. Ele estava cego como um touro, e a angústia fê-la desfalecer. O rosto pálido cobriu-se-lhe de veias vermelhas. Agora, e muito embora fossem pratos de pão com manteiga e copos de leite à hora do chá, vejo uma fenda na terra, e nos ares elevam-se colunas de vapor quente; a chaleira ruge da mesma maneira que o Ernest rugiu, e, muito embora os meus dentes se enterrem no pão com manteiga e vá bebendo o leite adocicado, sinto-me tão apertada como aqueles pijamas. Não tenho medo do calor, nem mesmo do gelo do Inverno. A Rhoda sonha, chupando uma côdea de pão embebida em leite; com um olhar vítreo, o Louis fita a parede em frente; o Bernard esfarela o pão até o transformar em migalhas, às quais chama pessoas. O Neville, com aqueles modos arruinados e definitivos, já acabou. Enrolou o

guardanapo e enfiou-o na argola de prata. A Jinny faz girar os dedos na toalha, tal como se estivessem a dançar ao pôr do Sol, a fazer piruetas. Mas eu não tenho medo nem do calor do Sol nem do gelo do Inverno.

– Agora – disse Louis –, todos nos levantamos; todos nos pomos de pé. A Miss Curry abre o livro negro no harmônio. É difícil não chorar quando cantamos, quando pedimos a Deus que nos proteja durante o sono, chamando-nos criancinhas a nós mesmos. Quando estamos tristes e a tremer de apreensão, é bom cantarmos juntos e apoiarmo-nos uns aos outros, eu contra a Susan e a Susan contra o Bernard, de mãos dadas, com medo de muitas coisas, eu, da minha pronúncia, a Rhoda, das contas; contudo, cheios de vontade de vencer.

– Subimos as escadas como se fôssemos pôneis – disse Bernard –, a bater os pés, aos pulos, uns atrás dos outros, prontos a entrar na casa de banho. Lutamos, brigamos, saltamos para cima e para baixo nas camas duras e brancas. Chegou a minha vez. Entro.

A Mrs. Constable, embrulhada numa toalha, pega na sua esponja cor de limão e mergulha-a na água; aquela ganha uma aparência achocolatada; pinga; e, segurando-a bem por cima de mim, espreme-a. A água corre pelo meio das minhas costas. Sinto picadas brilhantes por toda a parte. Estou coberto por carne quente. As minhas fendas secas estão agora molhadas; o meu corpo frio foi aquecido; está inundado e brilhante. A água desliza por mim e ensopa-me como a uma enguia. Vejo-me agora envolto em toalhas quentes, e a sua superfície rugosa faz com que o meu sangue ronrone quando me esfrego. No topo do meu cérebro formam-se sensações ricas e pesadas; o dia vai-se escoando – as matas; e Elvedon; a Susan e a pomba. Escorrendo pelas paredes da mente, o dia esvai-se, copioso, resplandecente. Aperto o pijama e deito-me por baixo deste fino lençol, flutuando numa luz pálida que lembra uma película de água que me chegou aos olhos trazida por uma vaga. Ouço muito para lá dela, um som distante e fraco, o começo de um cântico; rodas, cães; homens a gritar; sinos de igreja; o começo de um cântico.

– No momento em que dobro o vestido – disse Rhoda –, ponho de parte o desejo impossível de ser a Susan, de ser a Jinny. Contudo, sei que vou esticar os pés para que possam tocar na barra da cama; quando a tocar, ficarei mais segura por sentir qualquer coisa de sólido. Agora, já não me posso afundar, agora, já não posso cair através do lençol. Agora, estendo o corpo neste frágil colchão e fico suspensa. Estou por cima da terra. Já não estou de pé, já não me podem derrubar nem estragar. E tudo é mole, maleável. As paredes e os armários tornam-se muito claros e dobram os cantos amarelados, no topo dos quais brilha um espelho pálido. Fora de mim, a minha mente pode divagar. Penso na armada que deixei a vogar nas ondas. Estou livre de contactos e colisões. Navego sozinha por baixo dos rochedos brancos. Oh, mas estou-me a afundar, a cair! Aquilo é o canto do armário; isto é o espelho do quarto das crianças. Porém, eles distendem-se, alongam-se. Afundo-me nas plumas negras do sono; são asas pesadas aquilo que tenho pregado aos olhos. Viajando através da escuridão, vejo os compridos canteiros, e, de repente, Mrs. Constable aparece por detrás da erva alta para dizer que a minha tia me veio buscar de carruagem. Monto; escapo; elevo-me nos ares, saltando com as minhas botas de saltos de mola. Todavia, acabo por cair na carruagem que está à porta, onde ela se senta abanando as plumas amarelas, os olhos tão duros como berlindes gelados. Oh, desperto do meu sonho! Olha, ali está a cômoda. É melhor sair destas águas. Mas elas amontoam-se à minha volta, arrastam-se por entre os seus grandes ombros; fazem-me virar; fazem-me tombar; fazem-me estender por entre estas luzes esguias, estas ondas enormes, estes caminhos sem fim, com gente a perseguir-me, a perseguir-me.

O Sol elevou-se um pouco mais. Ondas azuis, ondas verdes, todas elas se abrem num rápido leque por sobre a praia, contornando o pontão coberto por azevinho-do-mar e deixando pequenas poças de luz aqui e ali, espalhadas na areia. Deixam atrás de si uma tênue linha desmaiada. As rochas que antes eram tênues e de contornos mal definidos, são agora marcadas por fendas vermelhas.

A erva tinge-se de riscas sombrias, e o orvalho, dançando na ponta das flores e das árvores, transformou o jardim num mosaico composto por brilhos isolados que ainda não

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

